

VOU ESTAR FAZENDO....UM ESTUDO FUNCIONALISTA DESSA FORMA PERIFRÁSTICA NA FALA DE PROFESSORES

Gisonaldo Arcanjo de SOUSA
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/PPGEL)

Pretende-se com este trabalho analisar o uso das construções gerundivas perifrásticas (*ir+estar+verbo principal no gerúndio*) no discurso de professores no Estado do Rio Grande do Norte. É uma abordagem de cunho funcionalista, uma vez que parte de uma base centrada na língua do usuário em condições interativas de comunicação. Para isso, foram gravadas as falas de dez professores em sala de aula, do ensino fundamental à graduação, a fim de investigar a frequência do uso das categorias gerundivas em foco. O objetivo é constatar se há tendências à rotinização das mencionadas estruturas no discurso de professores em detrimento das formas verbais sintéticas do futuro com as quais concorrem. Feita um análise inicial das ocorrências no discurso dos professores comprova-se que a forma “*ir+estar+ndo*” vem sendo recorrente. Diante disso, hipotetiza-se que a forma serve aos propósitos de muitos falantes em situações comunicativas. Isso demonstra que o aparentemente novo pode ter força de recorrência do uso, uma vez que o falante se sente impelido a usar a forma perifrástica em detrimento da sintética, talvez porque encontre outras compensações que não são encontradas no futuro sintético, forma mais neutra. Dessa forma, esse caminho de mudança e aceitação da forma em análise por parte dos falantes pode ser indícios de possível gramaticalização.

Palavras-chave: Gerúndio. Professores. Futuro. Gramaticalização.

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é analisar o uso das construções gerundivas perifrásticas (*ir+estar+verbo principal no gerúndio*) no discurso de professores, no Estado do Rio Grande do Norte. É uma abordagem de cunho funcionalista, uma vez que parte de uma base centrada na língua do usuário em condições interativas de comunicação.

Investigará o nível de ocorrências do uso das categorias gerundivas constituídas pela junção dos verbos *ir+estar+verbo principal no gerúndio*, com o fim de constatar se há tendências à rotinização das mencionadas estruturas no discurso de professores em detrimento das formas verbais sintéticas do futuro, com as quais concorrem .

Como a investigação encontra-se em fase inicial, esta análise colherá apenas noções ou elementos mais gerais que poderão indicar uma tendência superficial observada nas construções em foco.

O trabalho está assim organizado: 1 Introdução; 2 Base teórica: funcionalismo; 2.1 Gramaticalização; 3 Gerúndio na gramática; 3.1 Gerúndio simples; 3.2 O gerúndio na locução verbal; 3.3 O futuro; 4 Análise dos dados; Algumas considerações não finais; 5 Referências bibliográficas.

2 BASE TEÓRICA: FUNCIONALISMO

Há muitos significados para o termo funcionalismo. Essa pluralidade vai desde o fato de que existem vários pesquisadores que criaram e desenvolveram suas versões particulares até aqueles que repudiam as idéias formalistas. Sendo assim, ou agregando informações ou rejeitando-as, os funcionalistas se mantêm unidos por um fio singular muito bem exposto por Martinet (1994, p14) “o que deve constantemente guiar o lingüista é a competência comunicativa (...)”, já que “toda língua se impõe (...), tanto em seu funcionamento como em sua evolução, como um instrumento de comunicação da experiência”, acrescenta ainda Martinet (1994, p.14).

Furtado da Cunha (2008, p.157) reforça afirmando que “os funcionalistas concebem a linguagem como instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade”. E complementa “Seu interesse de investigação lingüística vai além da estrutura gramatical, buscando as situações comunicativas – que envolve os interlocutores, seus propósitos e do contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua.”

Do rompimento de concepções estruturalistas e algumas gerativistas, o funcionalismo se desponta como um grande expoente dentro da lingüística moderna. Dos seus primórdios na Escola Lingüística de Praga¹ - na verdade, outras vertentes funcionalistas aparecem tanto no Ocidente como no Oriente, não ofuscando os ideais de Praga – o funcionalismo vai deixando no seu caminho suas descobertas e peculiaridades:

- Retira das falas/escritas cotidianas os dados para suas pesquisas, pois prefere investigar a língua em sua situação natural de uso;
- explica o processo de aquisição da linguagem pela criança percebendo sua grande capacidade cognitiva. A interação com os outros é vista como fator determinante desse processo;
- a linguagem é uma intercessão de conhecimentos comunicativos, sociais e cognitivos interligados à psicologia humana e que reflete processos advindos do pensamento adaptando-os às diferentes situações de uso.

Dessa forma, pode-se afirmar que os ideais funcionalistas reforçam a primazia de que a língua é usada adaptativamente nos diversos mundos, nos quais o falante vive. Como diz Givón (1995)

¹ Entende-se por Escola Lingüística de Praga os estudos feitos antes de 1930 nos quais a linguagem permite ao homem reação de referência à realidade extralingüística pondo as frases como vias comunicativas, estabelecendo ligação direta com o contexto.

todos os funcionalistas assumem o postulado da não-autonomia: a língua não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução.

E, pensando diferente, mas com o mesmo objetivo de estudar a língua contextualizada em sua real situação comunicativa, os estudiosos da função avançam em suas pesquisas, firmando-se em cidades pólos, criando suas próprias maneiras de perceber a lingüística. Em Genebra – Bally, Sechehaye, Frie; na Inglaterra – Halliday; Holanda – Dik; para chegar finalmente aos Estados Unidos – com Givón.

O Funcionalismo americano é representado por Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón e foi influenciado por tendências formalistas a qual se mantém até hoje com o gerativismo. A abordagem norte-americana também defende a língua em sua forma de expressão lingüística e extralingüística e a gramática se torna aberta às mudanças do uso “... conjunto de formas, padrões e práticas que surgem para servir às funções que os falantes necessitam desempenhar com mais freqüência” (FORD, FOX, THOMPSON, 2003, p.122).

Observadas as peculiaridades funcionalistas, pode-se ainda verificar a dinamicidade da linguagem surgida através das pressões do discurso, impostas por forças gramaticais e extras-gramaticais.

Tais forças são paralelas e confluem-se numa complexa relação de estrutura e função. Dessa maneira, evidencia o entrelaçamento da sintaxe com a semântica, constituindo um mosaico funcionalista dinâmico.

Segundo Salomão (1984) a sintaxe é uma força externa, pois parte do princípio de organização da forma, da estrutura; enquanto que a semântica é a força interna encontrando aporte nos mistérios da mente humana.

Sendo assim, o funcionalismo torna-se um veículo ideal para investigar a língua no seu contexto lingüístico e também em situações extra-lingüísticas, pois a sintaxe passa a ser mutante e adaptável ao discurso. “(...) há uma forte vinculação entre discurso e gramática: a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva” (FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 164).

Já se sabe que a língua é um instrumento de interação social entre os seres humanos com o intuito de estabelecer a comunicação entre os mesmos.

Fica óbvio que a partir do protótipo acima, a expressão lingüística é a função da intenção do falante, da informação pragmática² e da antecipação que ele faz da interpretação do destinatário. Por outro lado, a interpretação do destinatário passa a ser função da expressão lingüística, da informação pragmática do destinatário e sua conjectura sobre a intenção comunicativa que o falante tenha tido (NEVES, 1997).

Portanto, em qualquer estágio da interação verbal, as pessoas envolvidas no ato comunicativo têm informações pragmáticas.

² O conceito aqui equivale ao aportado no dicionário de Dubois et al. (2006, p. 480).

Essas informações passam a mediar a intenção do falante e a interpretação do seu interlocutor, tornando-se um fenômeno de dupla face que tanto pode ser abordado do ponto de vista de seus reflexos mensuráveis como do ponto de vista dos processos mentais envolvidos.

Segundo Dik (1989), a interação constitui uma forma de atividade cooperativa estruturada. É estrutura, pois é normatizada por regras e convenções e cooperativa porque precisa de pessoas, pelo menos duas, para atingir seus objetivos. Ele ainda complementa que há também dois sistemas de regras: a primeira, que aponta a semântica, a sintaxe, a morfologia e a fonologia - formadoras das expressões lingüísticas - e a segunda regra que é a pragmática - responsável pelo padrão de interação verbal onde essas expressões lingüísticas são usadas.

E assim se constitui o funcionalismo. Muitos modelos: o de Halliday, o de Dik, o de Coseriu e o de Givón e de muitos outros cada um com sua defesa e seus interesses. Mas são nas premissas givonianas em que se aporta agora:

- A linguagem é uma atividade sócio-cultural;
- a estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicante;
- a estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica;
- a mudança e a variação estão sempre presentes;
- as categorias não são discretas;
- a estrutura é não-rígida, maleável;
- o significado é dependente do contexto;
- as gramáticas são categorias emergentes e
- regras gramaticais permitem flexibilidade.

Os pressupostos acima obrigam o Funcionalismo a estudar a língua em situação de uso: a gramática que empresta formas ao discurso passa a ser por ele formatada. Tem-se agora a idéia de gramática funcional – um sistema formado pelas regularidades resultantes de variadas pressões que a língua sofre no uso.

É essa gramática em que se apóiam os funcionalistas: imprevisível, instável, dinâmica, mutante, variante, ocasionada pelas pressões que o discurso faz de forma contínua e constante sobre ela. Daí o conceito de emergente (Hopper, 1998).

Segundo Bybee e Hopper (2001), deve-se considerar, num estudo sob perspectiva da gramática funcional: i) “que o analista examine o item em que está interessado apenas quando usado por falantes reais em contextos reais” ii) “há a necessidade de que o item seja atestado por um bom número de ocorrências para que se confirme que realmente fez parte do repertório das estratégias discursivas do usuário da língua”.

E, por fim, Givón (1995) enfatiza que a gramática não passa de um código comunicativo, capaz de instrumentalizar a sistematização lingüística a partir de dois domínios funcionais: o da semântica proposicional e o da pragmática discursiva.

Passa-se agora a verificar o princípio funcionalista da gramaticalização:

2. 1 Gramaticalização

Meillet (1912, p.131) foi quem primeiro usou o termo gramaticalização para definir “passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical”, embora se saiba que os estudos iniciais tenham ocorrido no século X, na China e percorreu boa parte da Europa até chegar ao Oeste Americano. É importante registrar que todo o estudo sobre gramaticalização comunga desses pontos.

- Distinguem itens do léxico, signos lingüísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens da gramática, signos lingüísticos “vazios”, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias, de outro lado.
- Consideram que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras.

O processo de gramaticalização provoca uma inquietação no sistema lingüístico. Hopper (1998) entende que a gramática das línguas vai sendo constantemente negociada no processo da comunicação e que não há gramática pronta, mas em constante construção.

Dependendo da ótica de quem estuda a gramaticalização ela pode ser vista como paradigmática, processual, diacrônica, sincrônica ou ainda, combinada as duas últimas, ou seja, pancrônica.

Ela se instaura no instante em que uma unidade lingüística começa a adquirir formas gramaticais ou, se já possui essa forma gramatical, migra para uma mais gramatical.

Múltiplas são as definições para gramaticalização todas baseadas na definição clássica de Meillet (1912), porém na são suficientes para determinar tal fenômeno. Braga (1999) aponta que a mesma sofreu alargamento e hoje inclui o estudo do itinerário percorrido por formas lingüistas e por construções emergentes.

3 O GERÚNDIO NA GRAMÁTICA TRADICIONAL

3.1 Gerúndio simples

O gerúndio, uma das formas nominais, é formado pelo tema verbal mais o sufixo “ndo”, e dá uma idéia de continuidade ao verbo. Atua como verbo nas locuções verbais e orações reduzidas. Indica normalmente um processo incompleto ou prolongado.

Lançando um olhar para o passado do gerúndio verifica-se que há duas variações da função gerundiva na língua portuguesa: uma forma perifrástica “*estar+ndo*” característica do Brasil e outra, lusitana, “*a+infinitivo*”.

O curioso é que apesar de se falar a mesma língua, no século XVIII, a segunda forma não se cristalizou no Brasil colônia. Barbosa (1999, p.248) lança um posicionamento sobre o vínculo histórico-social:

Uma outra inferência possível refere-se ao fato de haver, na sociedade colonial brasileira, de fato, a convivência entre duas normas distintas,

paralelas aos dois grupos em que se dividiam os súditos da coroa portuguesa na América: uma norma dos falantes de Português nascidos e habitantes no Brasil e outra dos falantes e nascidos e crescidos em Portugal. Uma vez transferidos para a colônia, esses portugueses já poderiam ser identificados pelas diferenças, ao menos, por conta das variantes em incipiente mudança que hoje estabelecem traços de inovação no português europeu e, por consequência, traços de conservação no Português do Brasil. Ao dizer, por exemplo, **estava subindo**, o falante brasileiro conserva a norma geral de uso do século XVIII, ao passo que o falante Português, ao dizer **estava a subir**, apresenta o resultado de uma inovação que estava em incipiente propagação à mesma época (grifos meus) (BARBOSA, 1999, p.248).

Atualmente, para Cunha (1986, p.461), existem duas formas de perceber o gerúndio: uma simples e outra composta. Na primeira, encontra-se uma ação em curso, podendo ser imediatamente anterior ou posterior à do verbo da oração principal (OP), ou contemporânea dela. Diferente, a forma composta expõe um caráter perfeito e indica uma ação concluída anterior à que exprime o verbo da OP.

A carga temporal que o gerúndio carrega depende quase sempre de sua posição na frase como Cunha (1986) demonstra:

i) no início do período, o gerúndio pode exprimir tanto uma ação imediata antes da indicada na OP (1) como uma ação que teve início antes da apontada na OP e que ainda continuou, conforme exemplo (2)

(1) “*Dizendo* estas palavras, estendeu-lhe a nota”³

(M. de Assis, OC,II,p.184).

(2) “*Visitando* há poucos dias a cidade de Santos, relembrei alguns episódios, ligados a minha vida comercial, nos meus primeiros ensaios.”

(A.F. Schimidt, F, p.80)

ii) O gerúndio pode aparecer ao lado da OP exprimindo uma ação simultânea, que corresponde a uma adjunto adverbial modal conforme (3):

(3) “O trovão ronca *tremendo*,

Os cedros pendem *rangendo*,

Os gênios pulam *gemendo*

No embate das ventanias!”

(F. Varela, PC, I, p.212)

iii) Depois da OP o gerúndio equivale a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e* como se percebe no exemplo (4):

(4) “Estávamos à porta de casa, deram-me uma carta, *dizendo* que vinha de uma senhora.”

(M. de Assis, OC, I, p. 538)

iv) Já precedido pela preposição *em*, o gerúndio enfatiza a anterioridade imediata da ação com referência à do verbo principal (5).

(5) “Em se lhe *dando* corda, ressurgia nele o tagarela da cidade”.

(M. Lobato, Urupês, p.127)

³ Os exemplos (1) a (6), extraídos de clássicos da literatura, constam em Cunha (1986).

Como se observa, além da natureza verbal, o gerúndio pode também desempenhar a função de advérbio e de adjetivo.

Sua natureza adverbial pode ser percebida em frases que indicam circunstâncias de modo (3) e ainda pode-se perceber o uso do gerúndio em função adjetiva quando o mesmo caracteriza o substantivo (6).

(6) Vejo ali algumas crianças *brincando*.

O aspecto⁴ inacabado do gerúndio permite-lhe exprimir a idéia de progressão contínua e é nessa perspectiva de continuidade que está o foco deste trabalho.

3. 2 O gerúndio na locução verbal

O gerúndio combinado com verbos auxiliares marca diferentes aspectos da execução do processo verbal. Com o verbo *ir* expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas. Com o verbo *estar*, por exemplo, indica uma ação comumente usada quando se trata de aspecto progressivo, uma ação duradora num dado momento. Além desses dois, existem muitos verbos que podem juntar-se ao gerúndio para formar uma locução verbal. Agora, imagine juntar o primeiro verbo ao segundo e ainda acrescentar o gerúndio no verbo principal. Pois é o que se pretende neste trabalho: analisar a forma perifrástica composta formada por esses verbos.

3. 3 O Futuro

Há várias maneiras de apresentar o futuro na língua portuguesa. Focam-se aqui duas dessas formas: a sintética e a analítica. A primeira, segundo Furtado da Cunha e Silva (2007), é perfeitamente empregada em situações formais da oralidade e também percorre a escrita em documentos técnicos ou quando se faz uso de uma linguagem lapidada. É formado por um verbo principal acrescido de morfemas modais, temporais, de pessoa e de número.

A formação analítica implica na composição do verbo *ir* no presente do indicativo mais outro verbo no infinitivo. Essa construção, conforme as mesmas autoras é empregada exhaustivamente na oralidade, independente de grau de escolaridade e faixa etária.

Assim, as formas concorrentes: *vou contar*, *vou tomar* e *vou escrever*, a exemplo de muitas, podem ser substituídas sem nenhum problema semântico pelas formas canônicas sintéticas *cantarei*, *tomarei* e *beberei*.

Alguns autores como Mattoso Câmara e Coseriu apud ASSIS (2004) afirmam que o futuro começa como “modo” muito mais do que com o “tempo”. Mas é Hlibowicka – Weglarz (1999) quem constata que em português muito mais freqüentes que o valor temporal futuro são os seus usos modais, isto é, usos em que não se trata de

⁴ De acordo com Trask (2006) aspecto é a categoria gramatical que representa distinções na estrutura temporal do evento. Independentemente de sua localização no tempo, todo evento pode ser encarado como tendo uma entre várias organizações temporais diferentes: como possuindo uma estrutura interna ou consistindo em um todo não passível de análise; estendendo-se por um período de tempo ou ocorrendo em um único momento, como uma única ocorrência ou como uma série de ocorrências que se repetem; podem ser vistas começando, continuando ou terminando.

situar um acontecimento lingüístico em determinado ponto na linha do tempo, mas de exprimir as disposições íntimas do indivíduo que fala.

Johnen (2003) aponta que o tempo futuro na verdade é um ponto de contato entre as categorias de modo e tempo, tendo uma interface com a categoria de aspecto por sua localização no processo acional⁵. As categorias que são expressas pelo futuro são categorias acionais como desejo, plano e intenção. O mesmo autor postula que o verbo *ir* se insere no sistema semântico dos verbos modais.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A forma perifrástica em estudo (*ir+estar+gerúndio do verbo principal*) pertence ao sistema de língua portuguesa não-culto e percorre o país nas mais diversas falas do povo, independente do nível de escolaridade e faixa etária.

O uso excessivo do gerúndio, ou gerundismo, ou outros nomes de valores pejorativos como *secretariês* e dialeto de *telemarketing* têm sua origem dividida.

Uma origem pode ter seu ponto de partida na influência do inglês, ou estrangeirismo empregada pelos atendentes de *telemarketing* e outra aponta para a mudança lingüística de Sapir: “a deriva de uma língua consta da seleção inconsciente feita pelos que a falam, das variações individuais que se acumulam numa dada direção especial” (SAPIR, 1921, p.124).

O que se torna perceptível hoje é que a variante perifrástica deixou a linha dos operadores de *telemarketing* e invadiu a língua corrente de grande parte dos profissionais, inclusive a dos professores.

Observando-se algumas ocorrências da fala de docentes percebeu-se a substituição da forma canônica do futuro pela perifrástica. Esta substituição ocorre concomitantemente no interior do Estado (Serra Negra do Norte-RN e Caicó-RN) como na sua capital, Natal-RN, conforme ocorrências abaixo:

⁶(7)“...as pessoas daqui a algum tempo *vão estar fazendo* uso de vários recursos retirados do lixo...ele...o problema maior do povo...um problemão... o lixo *será* o vilão da humanidade...” (professor universitário do interior).

Como se percebe, em (7) *vão estar fazendo* substitui a forma sintética do futuro (*farão*). Notório é a que a substituição da forma não parece ocasionar mudança de sentido entre as duas codificações. Apenas se percebe que alguns fatores de ordem cognitiva e comunicativa devam atuar na mente do falante que dá preferência ao uso da forma perifrástica em detrimento da sintética.

Vale registrar também que as ocorrências em registro são oriundas de situações de fala, as quais são produtos gerados em contextos mais informais da língua.

⁵ Esta terminologia segue Bybee (1988) que distingue entre os usos acionais que implicam a ação de um agente e os epistêmicos.

⁶ As ocorrências de falas dos professores foram gravadas ou observadas e anotadas pelo próprio pesquisador, durante o 1º semestre de 2008. A amostra envolve professores das cidades de Serra Negra do Norte, Caicó e Natal – todas no Estado do Rio Grande do Norte.

Muito embora se registrem casos em que o professor usa as duas codificações (perifrástica e sintética) em um mesmo contexto, como acusam as ocorrências (7) e (8):

(8)“...*vou estar mandando* para vocês, por e-mail, alguma coisa sobre a próxima aula... não sei se *virei* ainda... vocês fiquem atentos ao e-mail, tá?...” (professor universitário do Natal)

O fato parece ter explicação no princípio das camadas de Hopper (1991), o qual explica que as formas que vão se criando convivem com as mais antigas, não as eliminando.

Vejam-se mais uma ocorrência:

(9) “...ah sim. É dessa forma mesmo...muito bom...*vou estar esperando* o restante dos trabalhos...só quem entregou foi o Márcio...é pra nota, tá?...tá bom...” (professor universitário do Natal)

Em (9) a construção de futuro “vou estar esperando” pode ser substituída por esperarei (forma canônica), sem prejuízo da sua noção de futuro, porém, talvez o “vou estar esperando” esteja mais imbuído de intencionalidades afetivas, relativas à questão aspectual, que deixa perpassar uma idéia de ação inconclusa, a qual se projeta para frente com mais veemência do que a forma sintética, por sua vez, mais neutra. Situação semelhante se observa no exemplo (10), notificado abaixo:

(10)...é sim...dessa forma...assim vocês **vão estar aplicando** a teoria de Einstein na fórmula...é só resolver... depois chegar ao resultado...pode ser simples...é bom que vocês aprendam...é pra prova... (professor do nível médio, interior do estado)

Questões contextuais de formalidade/informalidade talvez expliquem a preferência pela forma perifrástica, porém essas questões ainda estão sendo averiguadas.

Com relação ao princípio da gramaticalização, o que se percebe é que por força da recorrência do uso da expressão perifrástica que já circula com grande aceitação, a codificação pode estar experimentando um processo de gramaticalização, uma vez que o verbo “ir” migra de sua função autônoma de movimento para auxiliar no processo de categorização do futuro, em uma projeção do concreto para o abstrato, ou do lexical para o gramatical, todavia, fatores referentes aos outros verbos envolvidos na construção também precisam ser esclarecidos.

Neste trabalho, observa-se apenas a tendência da forma perifrástica estar ganhando espaço entre as várias codificações de futuro existente na língua em uso, no entanto, como o trabalho está em fase inicial, não se dispõe ainda de elementos suficientes para explicar a trajetória gramatical empreendida pela construção em sua totalidade, questões de ordem cognitiva e social e outras que são pertinentes à análise.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DE CARÁTER NÃO-FINAL

A análise das amostras aqui apresentadas, ainda que poucas, sugere que há uma probabilidade de aceitação da forma perifrástica “*ir+estar+ndo*” entre os professores, inclusive o professor universitário, responsável pela formação do próprio professor. Daí, o que se nota é que esta forma, dado o seu aspecto durativo, parece soar mais gentilmente, sobretudo porque aparenta também ser mais inovador. Mas isso é matéria para uma análise mais pormenorizada.

O que se ousa falar é que a forma “*ir+estar+ndo*” pode estar servindo aos propósitos de muitos falantes em situações comunicativas. Isso demonstra que o aparentemente novo pode ter força de recorrência do uso, uma vez que o falante se sente impelido a usar a forma perifrástica em detrimento da sintética, talvez porque encontre outras compensações que não são encontradas no futuro sintético, forma mais neutra. Dessa forma, esse caminho de mudança e aceitação da forma em análise por parte dos falantes pode ser indícios de possível gramaticalização.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, J. S. B. **Infinitivo perifrástico em PB e PE: Um caso de variação sintática** (dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, 2004, 159 p.

BARBOSA, A. G. **Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio** (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 1999, 484 p.

BYBEE, J. L.; HOPPER, P. (orgs). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

CUNHA, C. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11 ed. Rio de Janeiro: Fename, 1986.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

FORD, C.E.; FOX, B; THOMPSON, S. A. Social interaction and grammar. In: TOMASSELLO, M. (Ed). **The new psychological of language**. v. 2, Lawrence Erlbaum: New Jersey, 2003, p.119-143.

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 156- 176.

_____; TAVARES, M. A. Lingüística Funcional e Ensino de gramática. In: _____. (orgs) **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007.

_____; SILVA, M. A. Gramaticalização do verbo ir: implicações para o ensino. In: _____; Tavares, M. A.(org.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. EDUFRN: Natal-RN, 2007, p. 53 a 86.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. John Benjamins: Amsterdam, Philadelphia: 1995.

JOHNEN, T. **Da integração semântica de ir + infinitivo no sistema dos verbos modais numa perspectiva de descrição semântica no âmbito de uma teoria de ação**. In: [HTTP://victorian.fortunecity.com/statue/44/integracaosemantica.html](http://victorian.fortunecity.com/statue/44/integracaosemantica.html). , 2003.

MEILLET, A. **linguistique historique générale**. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins fontes, 1997.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

SAPIR, E. **A linguagem**, 1921. (tradução de Joaquim Mattoso Câmara Júnior). Rio de Janeiro; Livraria Acadêmica, 1971.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle-** variação lingüística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Lingüística**. (tradução Rodolfo Ilari). 2 ed.: São Paulo: Contexto, 2006.